



BENILDE OU A VIRGEM MÃE 1975

Realização: Manoel de Oliveira

Argumento: Manoel de Oliveira, segundo a peça homónima de José Régio

Fotografia: Elso Roque

Direção artística e décors: António Casimiro

Música: João Paes

Montagem: Manoel de Oliveira

Interpretação: Maria Amélia Aranda (Benilde), Jorge Rolla (Eduardo), Varela Silva (Melo Canto), Glória de Matos (Etelvina), Maria Barroso (Genoveva, a criada), Augusto Figueiredo (Padre Cristóvão), Jacinto Ramos (Dr. Fabrício).

Produção: Henrique Espírito Santo para Tobis Portuguesa e Centro Português de Cinema, com assistência financeira da Fundação Calouste Gulbenkian

Cópia: 35mm, cor

Duração: 106 minutos

Estreia: Cinema Apolo 70, a 21 de novembro de 1975.

JÁ SE ESTREOU BENILDE DE MANUEL DE OLIVEIRA

O público que naquela sexta-feira encheu o *Apolo 70* foi, como era de esperar na sua maior parte, aquele que vai sempre a estas estreias. Ao que me consta, houve quem ficasse encantado, houve quem ficasse reticente, como é costume com os filmes de Manoel de Oliveira. Também como sempre, o realizador recebeu muitos cumprimentos de circunstância. Depois foi o silêncio! Os jornais dos dias seguintes não abriram o bico. A acrescentar ao desinteresse do público pelo cinema português, os periódicos também não se preocuparam muito com a fita, que os ares andavam turvos e tinham mais em que falar...



Fotogramas do filme *Benilde ou a Virgem Mãe* (1975) de Manoel de Oliveira

E por azar, três dias depois estalava a bernarda. Veio o estado de sítio, a inquietação, o sobressalto, a incerteza de uma situação de cariz sombrio. O filme, coitadinho, para lá ficou abandonado à sua sorte e sabe-se lá se as pessoas, quando voltassem ao cinema, ainda se lembravam que *Benilde* estava em exibição... Ora tinha-se dito - e eu ouvi o director-geral da Acção Cultural dizer - que agora sim, agora ia tratar-se da promoção do cinema português, que *Benilde* e Manoel de Oliveira teriam o justo apoio, mercê de um lançamento e amparo efectivos e persistentes. Lá se viu!...

Parece, é certo, que a nível de interesses financeiros de distribuidor/exibidor, o Instituto Português de Cinema deu um jeitinho de carácter económico, mas o que não deu foi jeito nenhum que viesse beneficiar o filme no que respeita à sua eficiente expansão e ao aliciamento do público, que - com tanto sobressalto - estará ainda mais virado do

que antes para uma qualquer comédia brejeira ou um espectáculo de diversão que lhe varram do espírito inquietações e maus presságios...

[...] Passado o vendaval político-militar, embora o vento, mudando de quadrante, me sobe à orelha direita o regresso a uma calma relativa, pedia que sobre *Benilde* voltassem a chamar-se as atenções. Era até a obrigação, não só do Instituto Português de Cinema, mas dos críticos, dissessem eles bem ou dissessem eles menos bem. Até agora só li uma ou duas críticas. Assim não há meio de se criar ambiente para um filme português - e para um filme tão estranho e tão subtil e ambíguo como é *Benilde*. [...] Já basta que *Benilde* morra no filme. Não deixemos, por incúria e desinteresse, que morra no écran. E quando o filme estiver em exibição é indispensável que as pessoas se apercebam disso e que sejam solicitadas para o ir ver e que sejam



Fotografia da rodagem do filme *Benilde ou a Virgem Mãe* (1975) de Manoel de Oliveira

levadas a discuti-lo. Temos que ressuscitar o interesse pelo cinema nacional, porque sem isso não será possível cinema nacional.

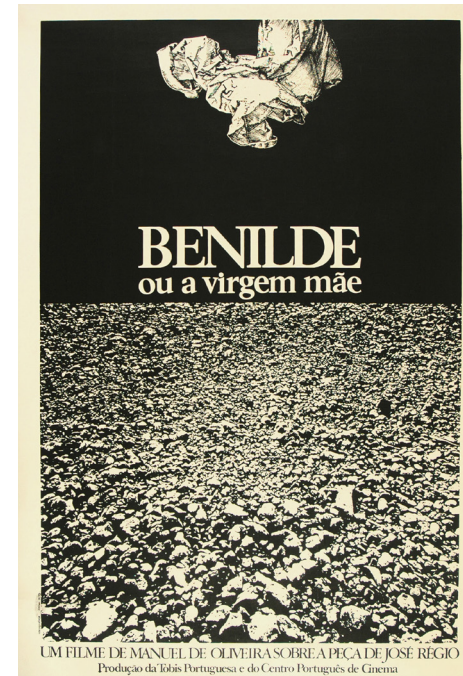
Henrique Alves Costa
(in *Jornal de Notícias*, 9 de dezembro de 1975, p. 16).

O ASPECTO SOCIOPOLÍTICO DE BENILDE OU A VIRGEM MÃE

Um dos méritos de *Benilde ou a Virgem Mãe*, de Manoel de Oliveira segundo a peça homónima de José Régio, é a de permitir mais do que uma leitura, é a de oferecer possibilidades de mais do que uma interpretação. De resto, Manoel de Oliveira põe claramente o espectador diante de uma representação – “a realidade de uma representação da realidade” – deixa-o sozinho diante do que vai passar-se. Ao que vai passar-se, Manoel de

Oliveira dá um toque subtil de ambiguidade, mas não acrescenta um comentário seu. Muito habilmente, o cineasta põe-se de lado, mas não deixa que o espectador fique de fora. A breve trecho, o espectador encontra-se diante de Benilde na posição exacta de cada um dos outros personagens. E colocado nessa posição, olhos nos olhos, é ele que tem de encontrar, de dar-lhe, ou, pelo menos, de procurar as respostas. O que é novo e talvez incómodo para quem se vê, sem querer, numa situação bem diferente da de simples espectador.

Se é certo que o personagem de Benilde tem uma extraordinária força encantatória, em meu entender não é o seu estranho caso de sonambulismo e de paranóia mística, em si mesmo, que deve prender-nos, mas sim toda a série de situações e de reacções que vai desencadear. Mística e louca, Benilde é a pureza maculada sem pecado. Mas é, também, produto de uma certa classe,



Cartaz do filme *Benilde ou a Virgem Mãe* (1975) de Manoel de Oliveira

de uma certa educação, de uma certa moral. E o que ela desencadeia não é mais do que o cair da máscara da sociedade burguesa, de mentalidade preconceituosa e moralidade hipócrita. Não é com o seu estado patológico, não é com o perigo da sua gravidez, não é com ela que o pai e a tia se preocupam realmente, mas sim com “o escândalo”, com a “honra” da família, com “a vergonha perante a sociedade”. Benilde é vítima da hereditariedade, da clausura, da sua educação religiosa. Vítima, em suma, da sua classe.

Por tudo isto, o filme apresenta-se-me – numa das suas possíveis interpretações – como um requisito contra a sociedade burguesa, com todas as suas regras de falsa moralidade e de preconceituosas aparências. E assim temos um filme que não tem nada de místico, mas tem muito de denúncia. Se em *O Passado e o Presente* (1971), Manoel de Oliveira

ridicularizava o oco *charme discreto* da burguesia, aqui aponta o egoísmo, o preconceito e a mentalidade de uma burguesia doirada sem charme nenhum... Por isso, *Benilde ou a Virgem Mãe* é um filme sociopolítico (no sentido mais respeitável do termo) ainda que possa ser visto e interpretado de outras maneiras, pois que – na sua extrema secura e rigorosa depuração – é muito mais complexo do que isso.

Veja-se, por exemplo, o personagem do padre (infelizmente não teve um intérprete à altura). Para o padre, o caso de Benilde é um problema de consciência perturbante. No seu foro íntimo, ele não crê realmente numa intervenção divina... mas *do que ele não pode duvidar* é da inocência e da pureza de Benilde. É um homem simples – também limitado pela sua formação religiosa “à antiga” – e, na sua perplexidade, prefere admitir – contra o que lhe segreda a razão – que Benilde foi tocada pela graça. O que também pode, indirectamente, servir a moral burguesa... Em contraste, a criada, mulher do povo – também ela simples mas clarividente – é a única que tem verdadeiro calor humano. Fosse como fosse que *aquilo* se deu – e ela *suspeita* como se deu – o que a preocupa é a saúde, a vida da “sua menina”. Como mulher do povo, ela sabe amar a pessoa humana, sofrer com o sofrimento alheio, dar voluntariamente e de graça o seu carinho, antes de querer saber de preconceitos, ou de “respeitabilidades” de classe, ou de “vergonhas para a família”. Porque a sua mentalidade é naturalmente aberta e o seu coração generoso.

Estas linhas são apenas um curto apontamento apressado e pessoal, circunscrito a um dos múltiplos aspectos do filme de Manoel de Oliveira, justamente para chamar a atenção para esse aspecto. [...] Que o público não veja só “por alto” este filme, são os meus votos. Mas estará o público interessado em filmes que não lhe metem tudo pelos olhos dentro e que, ainda para mais, não têm cenas eventualmente chocantes?

Henrique Alves Costa
(in *O Jornal*, 28 de novembro de 1975, p. 26).